

Esculturas ao mar

Apesar da situação esdrúxula da proposta - pensar esculturas para o fundo do mar -, cinco artistas parecem ter enfrentado dignamente o assunto. São eles José Resende, Tunga, Abraham Palatnik, Carlos Fajardo e Ascânio MMM. Conforme já badalado pela imprensa, certamente pelo aspecto inusitado da proposta, a TurisRio, dentro do programa do Festival Internacional do Mar da Costa Verde, a realizar-se em agosto em Angra dos Reis, abriu um concurso para projetos de esculturas submarinas. A convite do crítico Frederico Morais, os artistas escolhidos submeteram seus projetos a um júri formado por Frederico, Reynaldo Roels e Olívio Tavares de Araujo, tendo sido premiado o trabalho de José Resende. Situações estranhas à parte, resta averiguar de que forma os artistas adaptaram a questão escultórica à ambiência aquática. Sem dúvida, tratam-se de escultores de alguma grandeza, com linguagens definidas e obras já sedimentadas no meio artístico, mas agora o problema não era apenas criar uma obra que desse continuidade a uma determinada linha de trabalho, e sim pensar sua situação em um tipo de meio absolutamente "guache" à tradição da escultura.

O espaço é tão determinante à escultura, quanto o ar à nossa respiração. Ainda que o tempo, o movimento, os materiais e mesmo o papel do espectador tenham sido elementos geradores de diversas revoluções na passagem da escultura clássica até a contemporânea, ainda é basicamente o espaço a sua condição irreversível. O espaço aquático, por sua natureza tão distinta e propriedades tão específicas, deve ter representado um desafio à inteligência plástica desses artistas, obrigados certamente a repensar a própria relação de suas esculturas com a questão do espaço, de fato aqui tão pouco convencional. E, nesse sentido, a proposta começa a revelar-se menos esdrúxula e mais instigante como experiência estética. Não foi à toa que os artistas tiveram a sua disposição consultorias com técnicos em engenharia oceânica e mergulhadores, que discutiram, inclusive, a viabilidade construtiva dos projetos apresentados. O ineditismo da experiên-

cia incluía uma área de saber que os artistas talvez não dominassem e sem a qual seria impossível não somente aos artistas criar, como posteriormente, ao júri, deliberar sobre a justeza estética e científica das peças, em ação simultânea.

O "Cracol" de Abraham Palatnik, termo tirado da junção de craca com caracol, assim como o "Lugar Construído" de Carlos Fajardo foram esculturas pensadas no limite da arquitetura, seguindo modelos planares construtivos, ambas sugerindo situações de estar ou de se pôr dentro, para os mergulhadores. O Cracol, em forma labirintica, propõe percursos ao redor e no interior da escultura, uma espécie de "vivência ao mesmo tempo sensorial e lúdica", segundo Palatnik.

Para ele, interessava conceber uma forma que não constituísse apenas um objeto mergulhado estático, mas que solicitasse um convívio entre a obra e os visitantes submarinos. O mesmo parece ter norteado a arquitetura de Fajardo, só que suscitando no espectador um estranhamento nesse convívio; a estranheza conseguinte daquele objeto da cultura colocado no habitat por excelência da natureza. Interessava-lhe, talvez, pela economia dos meios plásticos, pelo material empregado - ferro - e ainda pela coloração vermelha do grande plano dessa praça submersa, criar aquilo que chamou de "um vazio espacial".

Tal integração entre o homem, a arte e a natureza não parece, entretanto, ter sido a preocupação de Ascânio MMM, que foi privilegiar aquilo que Palatnik exatamente evitou, dar a razão de ser do objeto ao fato apenas de estar ali submerso. Ascânio limitou-se a apresentar projetos seus dos anos 70, pensados para os espaços comuns onde esculturas são habitualmente expostas.

Tunga, como Resende também, de sensibilidade mais inquieta, já trabalha o aspecto "flutuante" dentro da própria idéia do trabalho, na medida em que seus objetos são, por natureza, avessos ao raciocínio cartesiano que domina e justifica a tradição ocidental. São objetos que duvidam dessa racionalidade, fazendo "flutuar" não apenas a razão

do objeto como nossa expectativa diante dele. Objetos estranhos a uma ordem pré-determinada, a uma identidade estável, não asseguram ao espectador o domínio de sua presença. Incluindo uma rica variedade de materiais -latão, ouro, cobre, prata, chumbo- ele nos devolve, por assim dizer, um repertório da própria natureza, mas já tendo feito um "corte poético" entre ela e o mundo, e o nosso estranhamento do mundo.

Por último, Resende, que se propôs a construir uma superfície formada por bolas de vidro parcialmente cheias de areia, unidas entre si por cabos de aço, variando a profundidade das bolas segundo a quantidade de areia. Espécie de rede flexível, essa superfície se moveria seguindo o próprio movimento das ondas e das marés. Para o autor "seu objetivo é construir um buraco no meio do mar, preenchido parcialmente pela areia branca que flutua, movendo-se lentamente". Integração perfeita do objeto com o meio com o qual se corresponderá, a malha de bolas de José Resende apenas ratifica o domínio absoluto que tem dos materiais que experimenta em sua investigação permanente sobre suas resistências físicas e o espaço. Só que, diferente de sua habitual ironia para com o espaço ao redor, não^{se} deixando jamais ser presa de uma previsível "organização", ele aqui acolhe o espaço em harmônica sintonia com suas leis. Os objetos e as maquetes das esculturas estão expostos na Escola de Artes Visuais do Parque Laje.